

BRASIL-PORTUGAL

1 DE FEVEREIRO DE 1904

N.º 121

Um typo do Algarve



O 19 vulgarmente conhecido por O homem dos trapos

Este infeliz louco é um ex-soldado de Infantaria 15, onde tinha o numero 19. Enlouqueceu, attribuindo-se a sua loucura a certa bebida que a amante lhe deu, por ciúmes



CHRONICA

Não se governa depois da morte!

O capitão de mar e guerra Ferreiro d'Almeida, antigo ministro da marinha, deputado em varias legislaturas, par do reino, condecorado com diversas distincções honoríficas e por mais de uma vez louvado em documentos publicos, assignados pelo rei e referendados pelos seus ministros, falleceu em Italia, onde estava commissioned pelo governo do seu paiz. Antes d'expirar, no goso das suas faculdades e no uso do seu direito, dispoz dos seus bens e estabeleceu a forma por que os seus funeraes deviam ser realisados. Os haveres quiz que revertessem, na sua totalidade, a uma companheira com quem desde muitos annos se ligára; o corpo determinou que fosse incenerado, indo para os fornos de cremação sem nenhum distinctivo da sua profissão e sem nenhuma honra, das que o protocollo estabelece para os que se finam em situação de grandeza militar e politica. Levando até ao ultimo extremo o proposito de deixar no mundo terreno o minimo vestigio do seu involuero corporal, Ferreiro d'Almeida estabeleceu, que o punhado de cinzas que os seus restos produzissem, fosse lançado ao mar largo, bastante distante da costa para que um sopro de vento não trouxesse á praia, ao collo d'uma vaga, um atomo, sequer, d'esse poeira humana.

A singularidade das determinações revela desde logo a quem o não conheceu, a briga d'esse homem com todas as prescripções e crenças, officiaes e religiosas; com o uso commum e o uso familiar; a lucta com as praxes e com os cerimoniaes em vigor; com o acatamento a certas imposições do codigo disciplinar e com o respeito a determinadas disposições do codigo civil. Euseuado é, portanto, accentuar, que aquellos que em vida o combateram ou soffreram dos seus arbitrios, tiveram ensejo para salientar a sua malcrença. Aos desafieçados, que exprimiram o desafogo de revelações, agora sem risco de contradicção, juntou-se o queixume da familia desherdada, agora sem esperança de possuir os bens com que contára. O medo já não teve de conter-se com receio d'investidas energicas, e por isso a hypocrisia pode despojar-se de caretas interessadas. Deu-se, então, um facto estranho, que eu não posso deixar de constatar: não se ouviu uma unica palavra de piedade, não se escitou uma unica prece de commiseração! O morto deixava vivos todos os odios que inspirára. Por isso em balde as suas disposições de ultima vontade quizeram eliminar até o contacto d'alem-tumulo com as pessoas que elle conheceu e tratara. As paixões humanas não são susceptiveis de inceneração. O fogo devora os ossos mas não queima os resentimentos. O odio é como a salamandra. Puderam, portanto, metter-se n'uma pequena urna os restos d'um homem fortemente constituido, como Ferreiro d'Almeida foi; não puderam recolher-se, mesmo no amplo tabernaculo da livre erença, as desafieções por elle creadas — e inspiradas mais na irritabilidade do seu genio asomado, do que em impulsos máus do seu coração; mais na tendência batalhadora do seu espirito irrequieto, do que em propósitos determinados de contrariar o bem estar alheio.

O antigo ministro da marinha expirou com o convencimento de que a sua morte não dava tristezas e pretendeu accentuar todo o seu despreso pelas hypocrisias que disfarçassem esse sentimento. N'este ponto as illusões, dos que de perto vêem a morte, são menos enganosas do que geralmente se cuida. A phrase que o marquez de Rezende attribue ao marquez de Pombal é, a tal respeito, exemplar e significativa. Um dia, antes de cabir do poder, mas sentindo bem como já era profundamente odiado, o grande ministro foi prostrado, na sala do despacho, por um ataque d'apoplexia. O dr. Huet audeu-lhe rapidamente. Salvou-o da morte com uma sangria. O marquez, ao recobrar os sentidos, disse-lhe, sorridente e convicto:

— De forte alegrão priváste hoje Lisboa!

Como elle — Ferreiro d'Almeida morre u convencido, de que dáva com o seu passamento... um grande alegrão a Lisboa. D'ahi as suas disposições despresadoras. D'ahi o querer governar d'alem da morte.

Se fosse possível, pois, fazer resurgir Ferreiro d'Almeida, certamente que elle não teria illusões a recolher sobre as lagrimas e saudades dos que deixára; mas teria muitos protestos a desenvolver sobre o cumprimento das disposições que formulára. Não se governa d'alem da campa! Todas as suas disposições foram perturbadas na execução dos que ficaram! Nem conseguiu para os seus restos o sepulcro que desejava, nem logrou para todos os seus bens o destino que determinára. A sua legataria deixou de ser universal, por que não alcançou a parte importante da herança representada por um valioso monte pio. Uma disposição estatuaría oppoz-se. A familia teve na lei o meio de contrariar a vontade expressa do finado. Como succedeu a esta parte do que elle quizera legislar, a bem da expressão dos seus sentimentos d'affecto pessoal, semelhantemente veio a acontecer com o que elle decretára, para exprimir o seu modo de pensar a respeito da negação de principios religiosos e da descrença na vida eterna e na resurreição final. Logrou ser queimado — mas não conseguiu nada mais do que representava a parte complementar d'esta formal disposição! Nada mais!

O governo italiano accedendo á cremação, só em parte transigiu com a vontade final do ministro portuguez que se finára em Livorno. Não supprimiu inteiramente as honras officiaes. Limitou o ceremonial. Em vez de mandar a guarnição da cidade apresentar as armas em funereal quando o corpo passasse pelo caminho que leva ao forno d'inceneração, determinou que ella seguisse, d'uniforme e desarmada, em alas abertas, até ao portão funebre. Logo que a fogueira transformou os restos do antigo capitão de mar e guerra n'um pequeno montão de cinzas,

que couberam á larga n'uma reduzida urna de marmore, o governo italiano em vez de consentir que aquelle cofre de pedra fosse entregue á guarda do mar profundo, mandou que fosse depositado á ordem do consul de Portugal.

Depois de alterada esta parte importante da formal disposição testamentaria, os reduzidos despojos passaram por varios accidentes. Primeiro foram acondicionados n'um vapor de carga e mandados para o destino que elle mais quizera evitar — Lisboa! Como consequencia d'este novo destino, um dia os jornaes noticiosos informáram que os restos do homem, que mais cuidára em levantar tempestades odiosas do que em crear affeições remansosas, estavam no Tejo. No dia seguinte uma outra noticia explicava que ninguem apparecia a retirar de bordo a caixa funebre. Como muitas vezes acontece nas informações dos jornaes, esta noticia nem dizia tudo nem exprimia a inteira verdade. Um accidente occasional é que impedira o consignatario de reclamar logo na alfandega a entrega da urna cineraria. Mas a noticia, tal como fôra lançada, veio a occasionar variados episodios, — uns que ficaram sem chronica, outros que tiveram alterações sensiveis de narrativa, com o que na realidade se passára. Constou, então, que duas vezes os ministros reuniram em conselho para deliberar sobre o que convinha fazer. A situação tornara-se embaraçosa. O chefe do governo era o mesmo que presidira tambem á situação em que o finado gerira uma pasta. Não dar qualquer demonstração de respeitoso acatamento com as cinzas de um antigo collega, afigurava-se uma afronta a deveres de trivial camaradagem, sempre seguidos, mesmo quando a affeição os não dicta. Prestar, porém, homenagens, a quem ao recusar-as adoptára um rompimento formal com preceitos estabelecidos pela Egreja, parecia uma enormidade, incompativel com os deveres de um bom catholico e com as obrigações de um ministro zeloso pelo prestigio da religião do Estado.

Se era grande já a complicação produzida pelas modificações com que andava alterada a vontade, de quem se propozera governar no mundo depois de o abandonar, outros novos transtornos se esboçavam, ameaçando agravar a situação. Occorreu, aos receos, que Ferreiro d'Almeida fôra grão-mestre de uma loja reformada — e que a maçonaria inteira, reconhecida pela forma com que elle, nas suas disposições, proclamára o despreso pelos rituaes religiosos, proenrãva. n'uma grande manifestação, afirmar o seu publico applauso. O desembarque da urna, e o acompanhamento pelas ruas da cidade, ia, por isso, constituir um espectáculo affrontoso para os sentimentos catholicos. O governo receava aquella explosão de atheismo. Chegava já até mais altas esferas a preoccupação com o que iria succeder. Foi, então, que um dos raros amigos do antigo ministro da marinha, — que não recegara proclamar-se como tal agora que todos o abandonavam, — se offereceu para dar solução rapida a estas complicadas hesitações. De manhã, a hora que ninguem suspeitou apropriada para a trasladação, foi a bordo, recebeu a urna, cumpriu com as formalidades aduaneiras, metteu-se com as cinzas n'um trem — e rodou apressadamente para o cemiterio. Quando se viu á porta gradeada, sem despertar suspeitas nem provocar curiosidades, julgou todos os embaraços vencidos. Engano! Para dar entrada n'uma coval uma auctorisação administrativa é indispensavel. Mesmo n'uma campa... não se repousa sem licença das auctoridades! O portador da pequena caixa de marmore teve, pois, de retroceder. No governo civil alcançou, por fim, a ordem desejada. As cinzas deram entrada no cemiterio publico. N'um tumulo, que tem a fórma usual de todas essas brancas capellinhas caracteristicas, a urna foi afinal deposita — sobre uma especie d'altar. Para dar satisfação aos catholicos, affrontados com a cremação, deliberou-se não pôr ali a imagem do Christo. O symbolo da redempção, — a cruz, — foi substituido pelo symbolo da armada — a ancora. E' tudo — mas é tudo, tambem, o contrario do que fôra a ultima recommendação, formal e expressa, de quem não queria nada que recordasse situação, crenças e honras passadas; de quem pedira para ficar, bem no fundo do mar, n'um recanto de gruta formada de coraes, onde só a flora sub-marina fornecesse os ornatos estranhos da sua embaraçada vegetação!

Não, não se governa depois da morte!

De todos os complicados receos, de que fiz menção por os ter ouvido a quem no episodio final mais directamente interveiu, ouvi depois a negativa, formal, a pessoa especialmente collocada para auctorisar o desmentido. O governo nem por um instante, disseram me, se preoccupára com o assumpto. Quer dizer: pozera a indiferença pelo correligionario e pelo companheiro, onde outros diziam — que elle só tinha posto sentimentos de receio pela ordem e de respeito pelas crenças, a que lhe cumpria dar exemplo de manutenção fidelissima. Por outro lado, dizem-me outros tambem agora, — que as lojas maçonicas nunca pensaram em realizar qualquer manifestação. Quer dizer: pozeram, igualmente, esses, a frieza de sentimentos, ou o despreso manifesto, no que parecia ser o seu dever de confraternidade e união.

Todos assim, n'uma unanimidade de desaffecto e n'um accordo de indiferença, abandonaram as cinzas — de quem formalmente determinára que não fossem postas ao alcance de semelhantes manifestações. Os que dizem aprender no christianismo a indulgencia para todas as culpas e o perdão para todos os peccados, recusaram-lhe as suas preces — porque fizera alarde de impiedade entregando o seu corpo á fogueira; era contra a lithurgia resar por elle. Os que proclamam o atheismo e dizem ter, como principio supremo, a doutrina do amor universal sobrepondo-se a preconceitos de casta e religião, recusaram-lhe as suas homenagens, para não dar alarde d'uma fraternidade que tiveram receio de ostentar!

Pois bem; já que não houve um padre que lançasse uma benção sobre essas cinzas e espargisse uma hyssopada de agua benta sobre essa urna; já que o governo se dispensou de lhe prestar honras, a familia lhe negou preces, os inimigos lhe recusaram piedade e os proprios maçons se abstiveram de manifestações de confraternidade; já que ninguem veio trazer uma flor, que seasse ali, n'esse tumulo que a cruz não pro-

tege, a murchar lentamente e a desfolhar-se a pouco e pouco; já que não houve uma alma que estremeceesse, apavorada por tamanho isolamento, nem coração que, apertado pela dor, expresse, n'uma unica lagrima, a magua de uma remota saudade; já que ninguém, junto das cinzas d'esse homem, quiz murmurar um psalmo ou um responso, invocar o perdão divino, rememorar uma virtude — como se virtude nenhuma aquelle homem tivesse; já que as religiões não teem sacerdotes para abençoar os que, na-hora final, foram tão desventurados que nem tiveram a consolação de uma erença a allumiar-lhe, n'um relampago de esperança, as trevas da eternidade — juntemo-nos, espiritualmente, eu e tu, leitor amigo, á beira d'essa pequena urna mortuaria, e abrindo o Evangelho de S. Matheus, no capitulo XXII, recordemos que é ali... que Jesus Christo condemna os hypocritas. Ora de tudo poderão accusar o homem reduzido áquelle misero punhado de cinzas, — mas uma virtude serão todos obrigados a reconhecer-lhe: nunca escondeu, com disfarces utilitarios, sentimentos e actos. O seu proprio testamento é a ultima manifestação de intransigencia com quaesquer praticas convencionalistas e proveitosas.

Faça-mos, pois, nós — de sacerdotes. O livro santo, a *Biblia*, não foi só feito para recitarem os que teem coroa aberta e encomendam almas com as benesses... do pé de altar. Foi o Sancto Livro legado a todos os que soffrem, para recolherem uma consolação, procurarem um exemplo de bondade, fortalecerem-se na lucta da hora extrema com uma promessa de perdão. Não é preciso o baculo do pastor de erentes para apoio de quem reza, nem foz falta a estola roxa e a capa de asperges para enviar directamente para o Céu a invocação destinada a impetrar misericordia. Como o poeta, que em lucta com o Bispo se fez Bispo... de outra diocese, — faça-mo-nos nós, eu e tu, leitor amigo, sacerdotes da piedade, vigários da indulgencia, para pedir, ao Deus de bondade e de amor, que não consagre, como legitimo, este abandono impiedoso! Se aquelle morto não foi um bom, nunca foi um hypocrita, — e seria uma injustiça, incompativel com a verdade evangelica, que aquelles que Vós condemnastes, com um rigor nunca nas divinas palavras empregado contra outros peccadores, nem ao menos, como elles, podesse vir a rearguir, no Val de Josaphat, no juizo final, porque... porque ordenou, em testamento, que os seus ossos fossem queimados!... Com fé, com muita fé, abramos o nosso Evangelho — e oremos reproduzindo as palavras de Christo:

«Malditos sejas! escribas e phariseus hypocritas, porque fecheas aos homens o reino dos ceus, não deixas lá nem deixas entrar os outros.

«Malditos sejas! escribas e phariseus hypocritas, que purificaes o exterior e as bordas do vaso, e por dentro estaes manchados e cheios de rapinagens.

«Malditos sejas! escribas e phariseus, semelhantes aos tumulos caeados por fóra, que aos homens parecem bellos, mas que por dentro estão cheios de ossos e de podridão.

«Serpentes, raça de viboras, como evitaredes vós o julgamento do fogo?»

Já que todos desprezaram as recommendações com que Ferreira de Almeida quiz governar sobre os seus despojos, — para assim mais o desprezarem, — tomemos para nós o direito de pôr esta folha do Evangelho ao lado da urna com as suas cinzas, — oude até agora ninguém veio depôr a folha de uma saudade!

J. BARBOSA COLEN.

O Paço de Cintra

Foi tal e tão justamente merecido o êxito litterario e artistico d'esta monographia, que devemos registal-o com a reprodução de alguns dos magníficos desenhos firmados por S. M. a Rainha, e que nos foram gentilmente cedidos pelo sr. conde de Sabugosa, auctor do livro.

Para maior actualidade, damos um bello excerpto do juizo critico que a Real Academia das Sciencias leu o illustre escriptor o sr. Souza Monteiro.

O conde de Sabugosa, auctor do que elle chama, com tão modesta modestia quanto sensível injustiça, meros "Apontamentos historicos", exprime com esmero a ideia e origem primeira d'este livro nestas poucas e sinceras linhas:

"Um dia, ha annos já, a actual Rainha, então Duquesa de Bragança, attrahida pelo indizível encanto que este Paço exerce em quem o olha, desenhou no seu album de impressões uma das janelas manuelinas do corpo do palacio que foi o seu primeiro apontamento.

A esse desenho seguiram-se outros. Agora um portico, amanhã a curva de um arco, mais tarde a Sala dos Cysnes, depois o tecto da Sala das Pegas... e accrescentando assim materiaes artisticos formou, quasi sem plano, uma pittoresca collecção de desenhos que é não só o mais suggestivo commentario áquelle monumento, unico na sua architectura inclassificavel, feito de seculos de historia, de tradições e de arte, mas tambem a mais viva imagem deste edificio sui generis.

E mais adiante: "Foi toda essa intensa poesia de tradição, alma que anima aquella agglomeração de construcções sem plano, mas com harmonia, que seduziu a Rainha e a levou a colleccionar os seus desenhos.

"E foi a fidelidade e arte desses desenhos que aconselhou alguem a lembrar-lhe que os desse á estampa n'uma edição simples e portatil para que pudesse ser adquirida por muitos; recordação para viajantes, consolação para portuguezes ausentes de Portugal, regalo para os que nelle vivem, suggestão e convite a estrangeiros que o ignorem.

Não se diz melhor. Mais, pudera vir a acreditar-se encarecimento litterario de collaborador benevolo; menos, fóra injustiça dura, tão avessa sempre á rectidão nativa de seu espirito.

A Rainha de Portugal, portugueza pelo Rei, tão finalmente portuguez, a quem a ligaram n'um throno os altos desgnios de Deus, por serem portuguezes os seus filhos e portuguezes serem os seus subditos, é assim, não uma, senão tres vezes portugueza e todas pelo coração, o que deve pelo menos valer tanto quanto ser portugueza simplesmente de nação. Não podia pois deixar de adivinhar primeiro, ver, sentir, comprehender, amar, viver depois, como cousas taes se vivem: por milagre do coração e do espirito, este Paço.

Delle diz excellentemente o conde de Sabugosa: "atravessando no tempo todas as idades da nossa existencia como nação, e abrindo entre as suas paredes muitos dos heroes que concorreram para a grandeza da patria, regista, nas successivas construcções em que cada geração o vae engrandecendo, a historia de toda ella." E' pois da essencia, do amago, portuguez, ha nelle mais que meros vislumbres de nossa alma: é amplo, pittoresco, mysterioso, bello, enredado, silencioso e escuro aqui, batido de sol alem, n'inho tenaz e caricioso de recordações e de saudades...

Deesse affecto, comprehensão, sentir nasceu intelligente convivencia artistica e della a vivida collecção de desenhos que um bom conselho trouxe neste livro á publicidade e ao applauso. Nelle segue um lapis em todo sentido regio, com a perfeição que deriva da agudeza segura do olhar e do fundo sentir do coração, cada linha, cada traço, cada rasgo, por delicado que seja e por isso facil de subtrahir-se a attenção menos seguida e certa, e dá-nos a impressão viva e communicativa do que sentiu e viu. Cri-se promptamente, percorrendo-o: mão que com esmero tal perfaz o que o espirito vê e sente, espirito que vê e sente tão nitidamente o que depois tão gentilmente a mão perfaz seriam fadados para os trabalhos luminosos do studio, para as glorias, tanta vez angustiosas da arte, se para mais altos destinos boas fadas os não fadaram.

E' isto que as palavras transcriptas insinuam, se o não dizem, tão justamente, com a sobriedade e discrição intelligente de quem bem diz o que bem pensa.

No que logo depois de si e do que fez conta é que se mostra, felizmente para elle e para nós, menos exacto o conde de Sabugosa. A prestar-lhe ouvido docil ter-se-ia não ser seu livro "monographia erulita"; nem "guia de viajante, para dar "impressão passageira, a forasteiros sem tempo e sem vagar; nem "lição technica de architectura"; nem "minuciosa excavação archeologica". Nada disto será de todo em todo com effeito, pois nada disto deveria de todo em todo ser tal livro. Mas de tudo isto tem, como cumpria, e ainda por cima alguma cousa mais.

O conde de Sabugosa entendeu logo e depois exprimiu e muito bem: entre os monumentos de Portugal é o Paço de Cintra "o que melhor synthetisa a sua historia desde o dominio sarraceno e a conquista christã até os nossos dias.

Dividiu assim em duas partes a obra realizada: mostra-nos na primeira o que este Paço foi em mais ou menos remotos — alguma vez em tudo bem remotos... — dias; na segunda, rediz, miuda, particular, analyticamente o que syntheticamente diz em mais frequentes desenhos o lapis gracioso, delicado e vivo de que nos veio o livro e ao livro veio seu primeiro encanto.

Para inteira comprehensão da segunda era precisa essa primeira parte. Votou-lhe pois o conde de Sabugosa o melhor de seu desvelo. Tinha de corresponder á que necessariamente prefaciava e que fóra tão alto e bem succedido empenho da Rainha-artista.

(Aqui o sr. conselheiro Souza Monteiro entra na parte que principalmente se refere ao sr. conde de Sabugosa e ao seu trabalho, e depois de expor os pontos de divergencia em que com elle está em assumptos historicos, a que allude o livro, conclue da seguinte maneira:)

Dito isto, posso concluir. E' o Paço de Cintra, tão attrahente em seu aspecto eterno e no lavor da imprensa, além do que já disse, uma bella, curiosa, interessante, viva, mobil, real successão de quadros, de scenas, de pessoas, que passam ante nossos olhos, movendo ora admiração, ora piedade, despertando aqui sorriso de malicia, accordando além recordação saudosa.

O lapis que encheu tal livro de primores não podia achar mais expressivo e adequado texto. Não lhe alteram, nem sequer n'um apice, os seguros merecimentos os reparos que lhe fiz. Registo de accordo na opinião; mas não reservas no louvor.

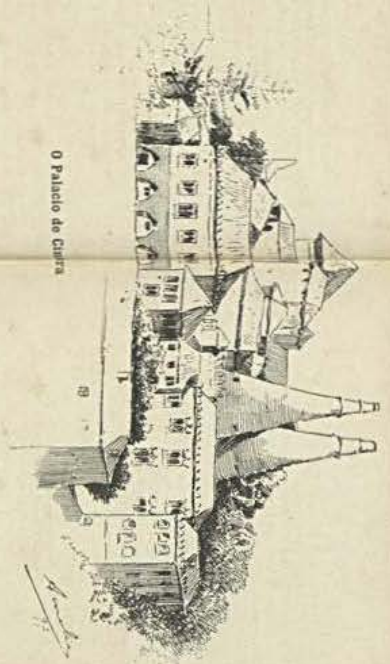
Sobre o prazer de o ter imaginado e realizado sentirá por certo a Rainha o de haver dado nelle um grande exemplo. Já o dera El-Rei no esmerado cultivo das sciencias que mais ama. Se á Rainha não coube na partilha a mais proficua, coube-lhe decerto a mais formosa parte.

Ao percorrer as paginas deste livro tanto para ser louvado, mais d'uma vez me acudiram ao animo attento estas palavras do sabido, eloquente e original Niebuhr: "quem cousas extinctas traz de novo á vida, gosa toda a doçura do crear."

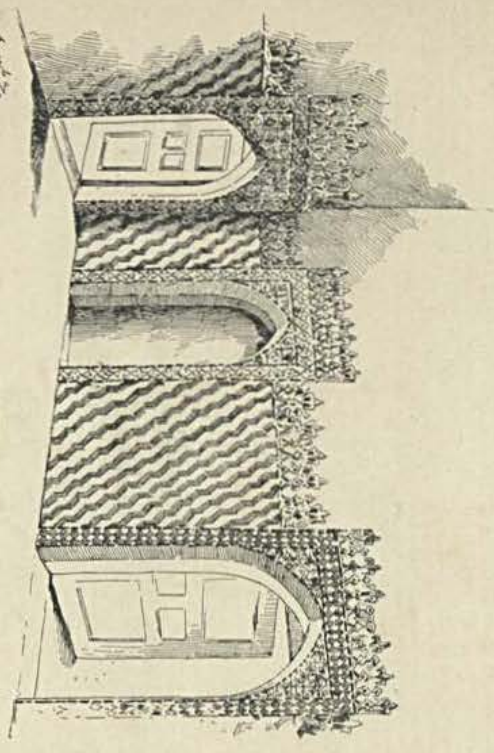
Janairo, 1904.

JOSÉ DE SOUZA MONTEIRO.

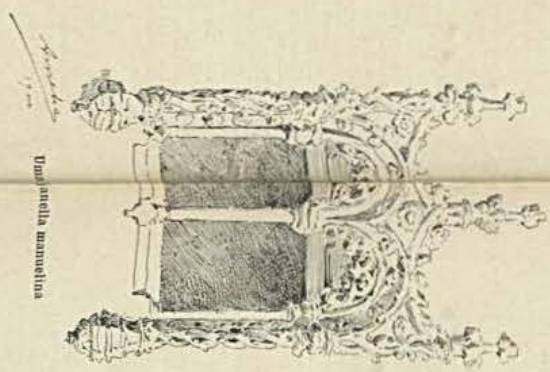
O PAÇO DE CINTRA



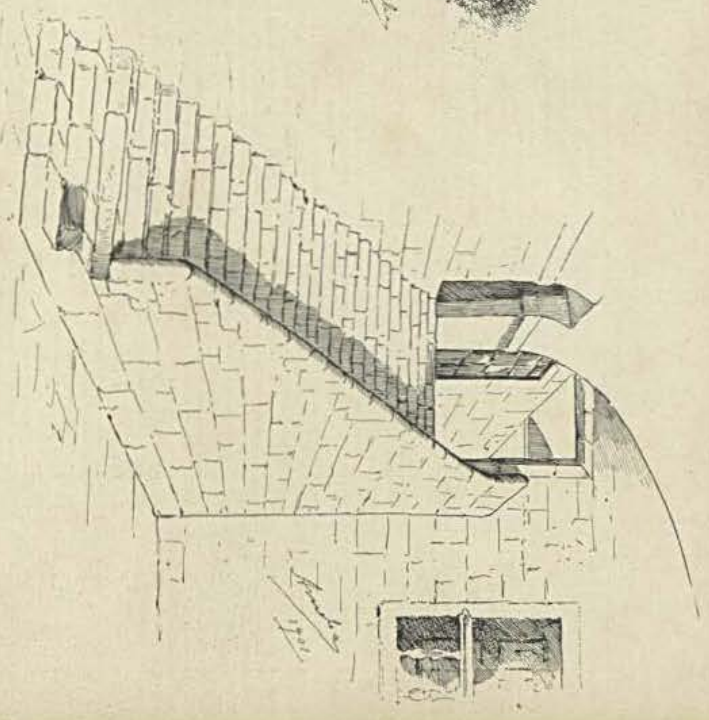
O Palácio de Cimbra



Sala dos arabes



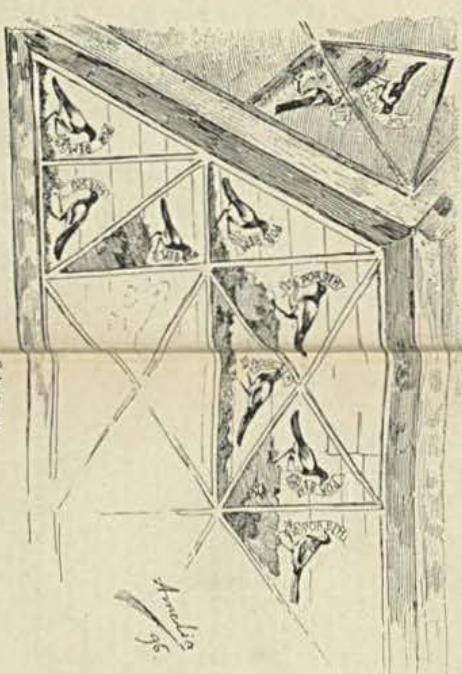
Uma janela manuelina



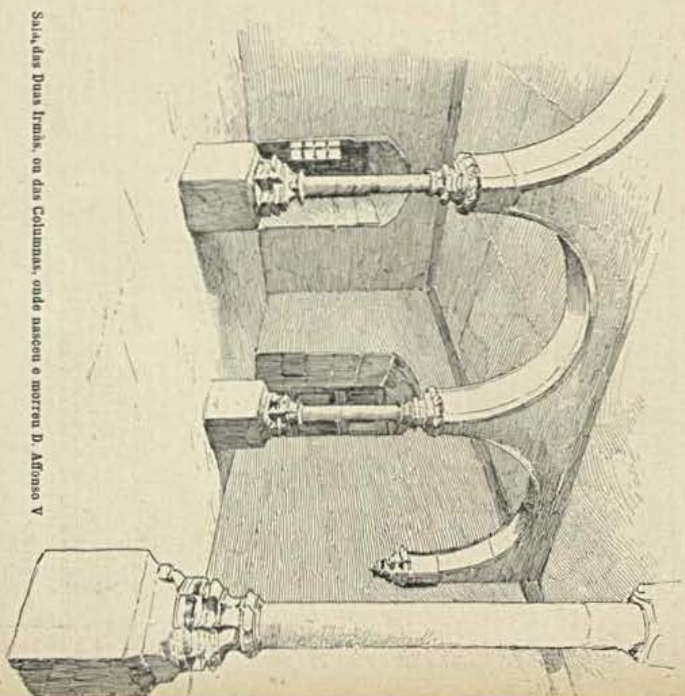
Ventilho — Escada principal — A' direita, janela D' João III



Tecto da Sala dos Cysnes



Tecto da Sala das Pegas



Sala das Duas Irmãs, ou das Columnas, onde nasceu e morreu D. Afonso V

POLITICA INTERNACIONAL

Depois de algumas semanas de silencio forçado por motivo de uma doença, cujo diagnostico é ainda segredo das chancellarias, voltou a recobrar o uso da fala Guilherme II. O seu primeiro discurso d'esta nova serie se foi, porém, para os amigos e admiradores do Kaiser occasião de regosio, por verem os prognosticos pessimistas sobre a saude imperial assim contradictados, não se pôde dizer que constituisse um modelo de habilidade diplomatica e de oportunidade politica.

Falando n'um banquete dado em honra de uns regimentos hanoverianos, o imperador felicitou-os pelos feitos brilhantes do passado d'elles, e aproveitou a occasião para recordar como em Waterloo as tropas do Hannover e os prussianos de Blücher tinham salvo de ser aniquilado o exercito britannico. E' impossivel descrever a irritação, que esta inesperada affirmativa produziu em toda a Inglaterra. Os jornaes mais considerados, como o *Times*, veem cheios de protestos e por toda a parte, de um ao outro extremo do Reino Unido, a indignação lavra fundo em todas as camadas sociaes.

O facto em si não tem grande importancia, tanto mais que os principes, mesmo quando cingem uma corôa imperial, não são obrigados a conhecer a historia como qualquer simples cathedratico ou escriptor especialista. O que tem importancia, porém, é o movimento de protesto a que a phrase imperial deu origem, porque elle revela bem o verdadeiro estado das relações anglo-germanicas, não dos governos, entendendo-se, mas dos respectivos povos. A excitabilidade dos inglezes depois da guerra sul-africana, a proposito de tudo o que vem da Allemanha, é conhecida. Acresce a esta circumstancia que a batalha de Waterloo é a pagina militar, de que elles acima de tudo se ufanam. Tentar despojar os d'esta gloria nacional, arrancando ao exercito britannico o mais bello florão da sua corôa, e isto depois do que occorreu em pleno *Reichstag*, não ha muito, constitue mesmo para os fleugmaticos filios da pachorrenta Albion offensa intoleravel. Assim se explica a actual indignação, que, a proposito de outro qualquer assumpto e sem os precedentes sabidos, seria ridicula ou pelo menos descabida.

Mas o que levará o imperador a excitar assim por estas continuas picadas d'alfinete — *pin-pricks* de gosto duvidoso — o amor proprio britannico? Como acto reflectido, não se comprehende em verdade. Como producto de um temperamento, que não se pôde dominar, tem mais visos de probabilidade. Em todo o caso custa a crer como Guilherme II não vê os deploraveis effeitos da sua mania oratoria. Bastantes são os elementos de antagonismo entre a Inglaterra e a Allemanha, para que seja necessario ainda estar a accrescental-os com novos motivos de rivalidade. Basta a pretensão da Allemanha de se substituir ao imperio britannico na hegemonia maritima e commercial do mundo para cavar entre os dois povos fundo abysmo. Para que é pois agravar ainda semelhante antinomia, que é fatal, pois deriva da propria situação de ambas as nações, com estas continuas alfinetadas, que ás vezes mais do que os ataques em forma deixam profundo rasto de odios? Quando a historia um dia julgar a obra de Guilherme II, não pôde deixar de ser severa, se quizer fazer justiça. Tanto no interior como no exterior, com effeito, a politica da Allemanha depois da demissão de Bismarck não tem sido mais do que uma serie de desastres, qual d'elles o mais inquietador pelos resultados que ha-de ter. Dentro das fronteiras o resultado d'essa politica foi o aniquilamento do partido liberal e o extraordinario augmento do partido socialista, o que representa, no ponto de vista do *status quo*, inevitavel perigo para a constituição do proprio imperio em futuro bem proximo. Fora das fronteiras a indecisão e a falta de um fixo rumo diplomatico deram até agora os seguintes resultados, que já se podem apreciar, sem contar com os que mais tarde virão sem duvida a patentear-se: constituição da dupla aliança, enfraquecimento da triplice, agravamento successivo das relações com a Inglaterra. De forma que, sem contestar o valor pessoal de Guilherme II nem o seu patriotismo, o que é certo é que, sob o seu governo e como saldo final da sua omnipotente acção em todos os ramos da administração publica, a Allemanha se encontra, no interior trabalhada por um forte movimento anti imperialista, que pôde mesmo chegar a converter-se em opposição anti-monarchica ou pelo menos anti-prussiana, e no exterior completamente isolada ou em vespuras de o estar, por isso que a Russia ligou o seu destino ao da França, a Italia e a Austria, por diversas razões, só muito friamente adherer e quasi que *pro forma* á triplice aliança, e a Inglaterra, pelo procedimento systematicamente hostile do imperio germanico, só pôde hoje encontrar-se ao lado dos inimigos da Allemanha. Não é uma brilhante perspectiva; e sobretudo escusava ainda de ser mais toldada por discursos como o pronunciado na festa aos regimentos do Hannover.

As difficuldades, que n'uma das passadas chronicas prophetisamos ao ministerio Maura, mais cedo do que era de esperar começaram a manifestar-se, complicadas ainda com um incidente que ameaça converter-se em elemento principalissimo de discordia. Referimo-nos á questão Nozaleda. A historia d'este caso é conhecida. O ex-arcebispo de Manila, accusado com ou sem razão de principal fautor da entrega d'esta cidade e da perda das Philippinas de cumprimento com os americanos, em cuja intimidade vivia, foi nomeado pelo governo arcebispo de Valencia. Apenas esta nomeação foi conhecida do publico, os jornaes liberaes e republicanos, ou melhor toda a imprensa com excepção da conservadora, abriu violenta campanha contra o nomeado, recordando o seu procedimento anti-patriotico por occasião da guerra. A agitação foi pouco a pouco alastrando. Reuniram-se em quasi todas as principaes cidades *meetings* de protesto promovidos

pelo partido republicano. A questão invadiu até o palco dos theatros, dando origem a diversos conflictos entre a policia e as empresas theatraes, por motivo de estas consentirem que os actores cantassem coplas allusivas ao acontecimento.

A opinião liberal, escandalizada com o acto do governo, pede que se annule a nomeação, chegando os mais exaltados a affirmar categoricamente que, se o ministerio tal não fizer e quizer manter a nomeação, o bispo Nozaleda não poderá tomar posse do arcebispado, porque lh'o impedirão. Pelo seu lado o gabinete teima em não ceder. E para tornar ainda a situação mais tensa, apparece, por iniciativa do arcebispo de Toledo, um abaixo-assignado do alto clero, protestando contra a guerra que se está promovendo contra Nozaleda, e pedindo ao governo que lhe ponha cobro.

Como acabará tudo isto? E' indubitavel que o sr. Maura commetteu, logo de entrada, um grande erro com esta nomeação, e mais o está aggravando com a teimosia em não ceder. Ainda que por este facto se não dê uma crise de gabinete, é indubitavel que a inhabilitade do presidente do conselho vae fazer engrossar no paiz a corrente republicana. De todos os erros commettidos nos ultimos tempos pelos grupos monarchicos quem se tem aproveitado é o partido republicano, a ponto que, não só em Hespanha mas no proprio estrangeiro, se chegou ao convencimento de que a monarchia terá ali de succumbir em periodo não muito afastado. Ainda ha poucos dias a circumspecta e insuspeita *Gazeta de Colonia* publicava uma correspondencia dizendo isto mesmo. O caso Nozaleda é typico; e melhor que qualquer comentario serve para esclarecer a cegueira, que parece actualmente dominar nas espheras governativas da visinha Hespanha. *Quos Jupiter vult perdere...* Não é, porém, apenas o incidente do arcebispo de Valencia que está amargurando a vida do gabinete Maura. Outras questões ha, d'onde pôde rapidamente surgir uma crise ministerial, sobretudo dada a actual composição da maioria, em que se encontra o grupo de deputados fieis ao sr. Villaverde, os quaes na primeira occasião não deixarão de tirar a desforra da queda do ministerio anterior.

Uma d'estas questões, precisamente a que determinou o sr. Silvela a abandonar o poder e a chefatura do partido conservador, é a da reconstituição da esquadra. O actual ministro da marinha gisou um plano, pouco mais ou menos concebido nos termos do apresentado pelo gabinete Silvela, e que necessita para a sua execução da despesa de uns sessenta mil contos, sem metter em linha de conta o que custará ao paiz visinho a manutenção de uma tal esquadra em condições de fazer face ás modernas necessidades da guerra maritima. Pelos telegrammas da ultima hora vê-se que mais uma vez esta malfadada questão produziu uma crise parcial, conjurada graças a algumas modificações introduzidas no projecto, conforme os mesmos telegrammas affirmam. Resta no entretanto saber como o congresso receberá tal projecto, como o receberão sobretudo os amigos do sr. Villaverde, tanto mais que a apresentação do programma de tão elevadas despesas improductivas coincide com a suspensão dos trabalhos de novas estradas inaugurados pelo governo anterior, e em que o sr. Villaverde fundava as suas melhores esperanças para o renascimento economico da nação.

Que ha a respeito do Extremo-Oriente? Estalará finalmente a guerra que ha algumas semanas se está cada dia tornando mais certa, ou conseguir-se-ha ainda d'esta vez evitar um conflicto que todos receiam, a começar por aquelles que o estão provocando com a sua intransigencia? Dentro de alguns dias, talvez dentro de algumas horas saber-se-ha isso. Por agora, e enquanto não chega a Tokio a ultima resposta da Russia, tanto pôde ser possivel a paz como a guerra. Depois de a Russia ter dito a sua derradeira palavra é que a situação se esclarecerá. Até este momento, o gabinete de S. Petersburgo parece hesitar, procurando ganhar tempo ou para preparar uma retirada que deixe menos abalado o prestigio da Russia (intacto já não pôde ficar, depois da attitude firme e decidida do Japão) ou para reunir elementos militares que ainda estão longe — tanto de terra como de mar.

O que é fora de toda a duvida é que a Russia está mettida n'um mau passo, de que só poderia livral-a uma guerra com o Japão, em que este fosse esmagado. Mas esta hypothese não é nada provavel, não só porque o exercito e a esquadra do Mikado, embora menos numerosos, são em qualidade e organização superiores ás tropas e aos navios do tsar, mas porque no caso improvavel de uma serie de derrotas soffridas pelos japonezes affigura-se absolutamente seguro, e a linguagem da imprensa ingleza assim o dá a entender, que a Inglaterra não consentirá (e talvez tambem os Estados-Unidos) que o Japão seja esmagado. Arredada, pois, esta hypothese, todas as demais hão de ser desfavoraveis para a Russia e fataes para o seu prestigio na Asia.

Se a guerra não chega a estalar e a paz se firma, esta só pôde ser conseguida á custa de concessões que o governo de S. Petersburgo fizer tanto na Coréa como na propria Manchuria. E n'este caso tem a Russia que renunciar á russificação d'esta provincia e á ulterior hegemonia sobre a China. Se a guerra pelo contrario estala e é o Japão o vencedor, escusado será insistir nas consequencias que tal acontecimento ha de ter no futuro do colosso moscovita. De maneira que das tres hypotheses sómente a primeira, que é a mais improvavel, de o Japão ficar litteralmente esmagado, pôde ser favoravel á Russia. Não admira, pois, que ella vacille, porque para ella a situação é singularmente melindrosa.

Baforada de arte

Duas horas bem dadas e o José Miguel sem apparecer! Bufando irada, a Francisca revolvía no tacho o bacalhau com batatas.

— Uma assim! A comida a estragar-se toda! Os rapazes damnadinhos com fome! Se não fosse por aquella do José Miguel que, á viva força, ao domingo, haviam de comer todos juntos!... já tinha mas era dado seu prataz a cada um. Mafarrico do Inglez! Que diabo queria elle aos operarios? Forte descoço!

A pequenada, descendo mais uma vez a rua das Padarias, espalhava-se na Praça que um lindo sol de Cintra alagava, festejado pelo hymno da Carta que a guarda do Palacio martelava a retalhos.

E escapuliam-se até o palacete Ficalho, e ainda além, a espreitar se o pae apparecia para o lado dos Pisões. Elle sempre trazia de casa do Inglez um ramo de medronhos.

N'isto, a Francisca, á porta, berrava, côr de açafrao: 'Artemiza! Laureano! Amílcar! Guadalberto! — Não fosse algum p'rar-se e ficar por lá sem jantar! — dizia ás vizinhas.

A boas horas! Laureano montava com ferocidade um burro do Carona que esperava freguez e pancada á porta do Lawrence. Amílcar implorava cinco réis a um inglez vermelho, esguio, vestido de branco, que apontava ás torres de Mafra um oculo esguio como elle. Os outros dois pasmavam deante de um tableiro de especiones porque a velhota, n'um arranco generoso, cedera na vespera quatro tremoços em favor da irmandade.

Emfim o José Miguel apontou além, a beber um trago na fonte dos Pisões. E logo saltaram n'elle os quatro:

- 'O' pae, hoje nan t'ax med'onhos?,
- 'O' pae, dá-me agua a mim tamem?,
- 'O' pae, o jantar já t'á p'ompto.,
- 'O' pae, qu'é isso?.

E elle a tratar logo de livrar de semelhantes galfarros um papel que trazia na mão. Infundiu-o no bolso interno do casaco, levantou em braços a Artemiza, e, entre risos: 'A modo que ha por



Cidade de Antonio Soares.
Na estação de Vendas Novas
A guarda de honra

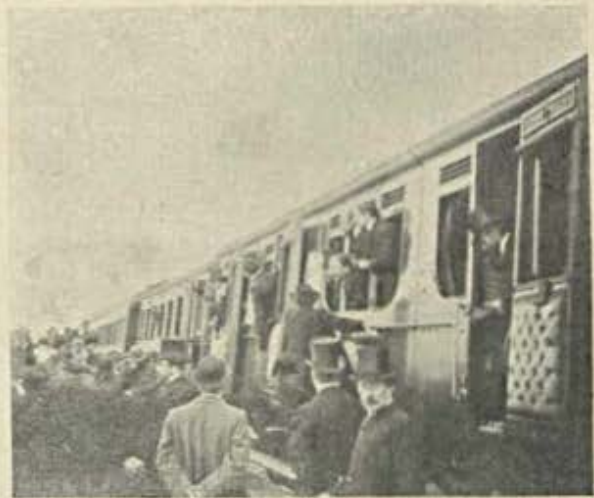
— 'Se lá nan fôr outro, o filho de mé pae...
Defronte da cadeia pararam. Passava el-rei a cavallo.
O José Miguel tirou o chapéu sornamente. Os pequenos escancararam olhos e bôcas.
— 'O' pae, aquelle ladão tamem t'ou o chapéu!

Inauguração do Caminho de Ferro de Vendas Novas



Cidade de Antonio Soares.

Aspecto da estação do Setil



Cidade de H. Mendonça.

O comboio na estação do Setil



Cidade de H. Mendonça.

Partida do Setil para Coruche

cá muita larica? E ella, atirando-lhe os bracitos ao pescoço, mordeu-lhe uma orelha, chiando muito.

Passavam no correio.

Um de galão: — 'Vens da festa, José Miguel?'

— 'Ná... Venho de casa do Inglez.,

— 'Boa pachorra!'

— 'Inda um dia *hades* ir comigo.,

A observação era do Amílcar, o segundo. E apontava a janella lobrega da prisão com o dedito muito espetado.

— "Quem lhe disse que aquelle é ladrão, seu traste?"

— "Tá ali..."

— "Isso *nan* tira. Os mais ladrões são os que andam á solta."



El-Rei acompanhado pelo ministro das Obras Publicas, conde de Paçõ Vieira

— "E então os policiaes?, iam andando."

— "O' pao, *co'macé* gostava de ser rei? — O interrogante, Laureano, morgado na familia, era seu tanto philosopho, já com o peso de oito annos ás costas."

— "Eu sei cá de que gostava, rapaz! Gostava de ter dinheiro para os tirar da rua a vocês."



Chegada a Setil

— "Eu cá antes qu'ia ser cavallo, — affirmou no seu tatibitate, Guadalberto, o dos cinco annos."

Emquanto trepam a calçada, escutemos na praça um dialogo. Interlocutores: um caixeiro de Lino e um servente do café ao lado.

— "Aquelle vem da escola, — Ar de mofa."

— "De casa do inglez?, — Idem."

— "Bom typo! Já hoje aqui passou de trem, ainda bem não ti nha sahido o sol."

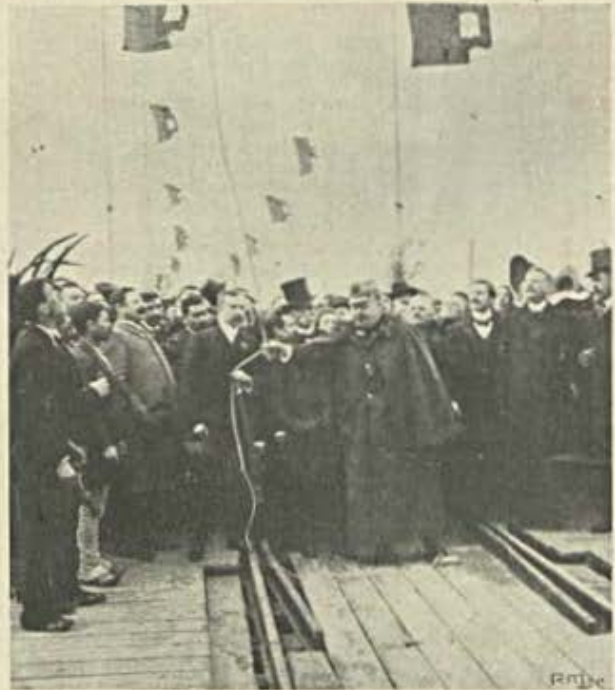
— "Parece que teem bicho *carapinteiro*. A mulher a vi eu já hoje a cavallo passar na Sabuga."

— "O que elles teem é muito bago. Isso a casa diz que está! . . . P'r'os modos, só de pinturas, n'esta frioleira de quadros, tem uma riqueza louca."

— "Vê-se que tomaram gosto cá á terra. P'elo tempo que ahí estão! Elle tambem, acha que belleza como a de Cintra *nan na* ha em todo o mundo."

— "Isso agora tambem! . . . Mas que farão os gajos de volta com o José Miguel aos domingos? Dá me que entender."

— "Vae elle e vão muitos. Acho que é a modo uns discursos... Como se a gente *nan* tivesse cantilenas tambem por cá!,"



El-Rei inaugurando a ponte sobre o Tejo

— "Se fosse portuguez, já sabiamos: queria ser deputado . . . Agora inglez e rico... A fortuna acho que é inda maior que a do Monserrate."

— "Upa! upa! Acho que é muito mais..."

— "Coisa de padres, talvez..."

— "Talvez *areia*, rapaz... Ha muita *areia* por esse mundo."



Aguardando a chegada

O José Miguel, subindo a ingreme rua das Padarias, acenava aos dois lados, aos visinhos.

— Que entrasse — diziam.

— Nada, nada. Ia com pressa por causa da patrão. Devia estar como polvora.

Chegaram.

— "Ora bemdito seja Deus! Estas palavras piedosas symbolisavam um vulcão que chispava nos olhos da Francisca. "Já me parecia que tinhas morrido."

— "Ná. Vaso ruim *nan* quebra."

A chalaça operou de folle, soprando brasas. O vapor do bacalhau guisado não parecia senão exalação da propria ira que tres-suava no nariz arredondado da Francisca.

Logo que apanhou os pequenos todos a mastigar, explodiu:



Baroneza de S. Pedro

† em Lisboa a 21-1-94

"Tu *nan* vens de casa do Inglez. Aqui anda marosca... Já nasci ha muito anno... Faço-me parva mas *nan* no sou. Se quer o menos manda arranjar o jantar p'rás tres. Por via das *crianças*... E já escusa de se estar a gastar um *rôr* de *cravão*... Saber uma pessoa com que ha-de contar... Quem te *nan* conhecer que te compre... Pae Paulino, — e indicador a esgazear expressivamente o olho direito. — "A mim *nan* m'engrolas tu... Vae tu assim que vaes bem! — E, como n'um palpite subito. — "Aposto que já *nan* tens nem cinco réis da fêria..."

Elle, muito sereno, levou a mão ao bolso do collete e tirou dinheiro que espalhou na mesa. Sorrindo pachorrentamente: "Quanto vem a faltar? Bota-lhe as contas."

Ella, n'um relance, fez o calculo. Amainou instantaneamente. — "Faltam dez réis que dei a um cego ali ó cabo de cima da Penha Verde... Isso da cegueira é um tal diacho! — e o José Miguel escancarava benevolmente a boca a uma poderosa garfada.

A Francisca, apaziguada, serviu se agora tambem. Concluiu, erguendo o ar a colhêr como um sceptro de rei de farça, irado contra os subditos: "Que me melem se tu vens de casa do Inglez *de-reito!*"

O José Miguel assoou-se e limpou methodicamente o nariz. De-



D. Luiz da Camara Leme

General de Divisão reformado — Par do Reino
Ministro de Estado honorario

† em Lisboa a 26-1-904

pois, como para si, de olho revirado: "Se nós *nan* sabemos nada! Se nós *semos* uns brutos chapados!"

A Francisca largou o garfo, escrevendo-lhe os dentes na toalha pintalgada de nodos. Ia a dizer uma cousa e conteve-se a observar o marido. Seria outra a cara do seu homem, se lh'a tivesse pregado — reconhecia. E poz-se outra vez a comer, já embrandecida.

— "Nada, *nan* sabemos nada!... *Semos* uns brutos!... uns *ai-maes!*"

Ella conformou-se sem protestar. Havia na cara do seu homem um não sei quê que lhe tolhia os impetos. Quando o via assim todo serio, olhos revirados, falas mansas, a modo mettido em si, acobardava se. — Fossem lá espicaçar a creatura, que *inté* parecia triste!

A pequenada comia sôffrega e calada. O José Miguel saboreou um trago de Collares. Limpando o bigode á mão callejada pelo carpinteirar de muitos annos, disse, grave: "Domingo *tamem* tu *ha-des* ir."

A Francisca espantou. E, com interrogação exaggerada: "Adon-de?! *Nan* querem lá ver?!"

— "A casa do Inglez... A casa do sr. Morton."

— "Homem, deixa-me cá! Que vou eu lá fazer?"

E elle auctoritario: "Vaes... É porque *ha-des* ir."

A Francisca oscillava entre o acanhamento e a curiosidade.

— "Mas, a final, que vae a gente lá fazer?"

— "É o sr. Morton, o mais novo, o filho... que explica uma data de quadros que elles lá tem..."

— "Quadros de quê?"

— "Isto de paineis..."

— "E elle o que diz, entende-se?"

— "É portaguez a modo atralhado, mas entende-se bem..."

Elles tem dinheiro como milho. Vão-se aos quadros mais lindos por esses museus fóra e toca a mandal os copiar."

— "Copiar?"

— "Sim, mulher... Este casaco *nan* m'o fez ahi um official por outro do Marcos, feito em Lisboa? Já se vê, nunca fica obra de tanto preceito... mas pode se vestir. Pois é o mesmo. Percebeste agora?"

Ella evadiu a resposta.

— "No museu já a gente estivemos, quando foi do *centenario*..."



Mac-Donell

Diplomata inglez — Antigo ministro da Grã-Bretanha em Lisboa

† em Londres 24-1-904

p'r'ali p'r'as Janellas Verdes... Nunca me esquece aquelle ladrão *tan* mal encarado que ia p'ra matar a pobre senhora na cama...

— "Esse museu *nan* presta p'ra nada. *Despois*, a gente põe-se a olhar p'r'aquillo e *fiqemos* na mesma... Se a gente *nan* sabemos nada!... Cá no palacio dá-se *rezão* de tudo... é outra coisa. Tudo na vida tem sua explicação.

— "O rapaz! tu *nan* me comas co'os dedos... Limpa-me já essas mãos, *grandecissimo* porco, — e a Francisca acudia com o avental á operação citada — "E este nariz dos meus peccados! nem uma fonte! — e mais avental no fluxo nasal da Artemiza.

— "Pois aquillo, mulher, por gosto se pode *óvir* o diacho do rapaz! Até parece que tem mandinga... P'ros modos aquelle tem visto mais mundo qu'ó Vasco da Gama. Aquillo lá fóra é outra fazenda... Aqui somos todos uns brutos... O povo aqui está como os *almães*. É paulada e mais paulada... Elle *tamem*, se calha, é coice por um sarilho."

— "Agora é que tu *acertastes*. *Nan* vás mais longe. Inda hoje o Joaquim ferrador assentou um murro na mulher que nem que lovasse ferradura. Excommungado!"

— "Se a gente *nan* aprende nada!... Se a gente *nan* gosa nada!... Está como as bestas amarrado á *mangidoira*.

A matilha levantara-se em tumulto.

— "O' pae, dê cá um vintem p'a um bolo da Ilha."

— "Estão muito caros os vintens."

Outra voz: "O' pae, hoje é domingo."

— "E amanhã é segunda feira."

Terceira voz: "O' pae, *vó'mecê* prometteu."

— "Essa agora é peor."

Voz da Artemiza: "O' pae, olhe qu'eu *chó-o*."

— "E a mim que me importa que vocemecê chore? Quanto mais chora menos... — não concluiu porque ella lhe mettia os cinco dedos pela boca"

Côro de quatro vozes:
 *O' pae... sim,
 *O' pae... de,
 *O' pae... ande,
 *O' pae... vá,

O José Miguel levava as mãos aos ouvidos, atordoado. A Francisca commentava, em tom colérico que o olhar desmentia: "Nem que tivessem fome! Pois os pratos bem lambidos ficaram!",

— "E' a lambarice... — e o José Miguel poz trinta réis na mesa com solemnidade: "Ahi vai. Os dez réis são para pevides... Agora, cuidado!... Vejam lá!... O bolo da lha partido em quatro, *óceiram?*"

Sairam, atropelando-se, porta fóra. A alegria emmudecera-os.



D. Leonor Marques da Costa

† em Lisboa a 8-1-904

Só a Artemiza ia gritando em tom descommunal: "O bocado maior é p'a mim que sou mais *piquena*."

Passava o Joaquim Ferrador.

— "O' seu Zé Miguel, venha d'ahi decilitrar um bocado."

— "Ná. Estou jantando."

— "Tarde é o jantar hoje!"

— "Se quer uma pinga..."

O outro não se fez rogar.

— "Pois vá lá isso..." — E entrou, sem a menor attenção á cara de palmo e meio que lhe poz a Francisca. Elle tinha um soberbo desprezo antigo pelo ser inferior, a mulher.

Tambem o José Miguel deitou lhe vinho e não fez mais caso d'elle.

— "Pois, mulher, o que te digo é que o inglez fala de um modo que se mette pela alma á gente... Fica-se assim a modo por dentro... consolado..."

— "Consolado!"

— "Ali *nan* é só explicar os quadros, é explicar a arte."

— "A arte!"

— "Sim... a arte... Olha a grande admiracao!... A arte."

— "Sim, bem te oiço... Mas que vem a ser isso de arte?"

O José Miguel sorriu complacientemente.

— "Se elle é o que eu digo!... Se a gente vivemos com os olhos tapados!... A arte, mulher... — e coçava a cabeça, preocupado — *Nan* cuides tu que eu que os *nan* entendo... E' que uma coisa é ouvir-os a gente lá, e outra é puxar da lingua para dizer as coisas e pôr o nome *de* bois... A arte é uma coisa que mette assim a modo uma alegria dentro de uma pessoa..."

— "Pois homem, mais precisada qu'eu estou de lá ir! A ver se é menos um dia me chega vontade de rir! Leva aqui a gente mais consumida!"

— "*Nan* se trata d'isso, mulher... *Nan* vai de risota... Valha-me Deus e os santos meus! A ver se me entendes..."

Rugas profundas indicavam na testa do José Miguel um grave conflicto cerebral. Com um suspiro largo e alto resfolegar das narinas, acommettede novo o thema: "Tu escuta com attenção... A gente põe-se lá a olhar, muito serio, para um quadro... Co' a breca! Parece que lá d'ali se *nan* podem arredar os olhos... E põe-se o typo a dizer para dentro: *Sempre o gajo que fez isto tinha dolo! Anda que p'ra pôr ahi tudo como vivo, só com pegar n'uns pinceis e n'uma pouca de tinta!* E é que *nan* era dos dez dedos... que mãos todas as temos... Depois, uma pessoa sae d'ali a matutar n'aquillo. Traz aquellas coisas estampadas no miolo. Chega a casa, e, só com pôr-se a magiar, parece que se lhe representa tudo outra vez tal qual. E aqui tens um homem divertido, sem puxar cinco réis da algibeira para fóra, sem murmurar da vida alheia, sem entrar na taberna... Pois ahi está... Isto é o que elles lá chamam a arte... Entendeste agora?"

— "Sim, homem... Vens tu a dizer na tua... — e a Francisca, atando e desatando o lenço inconscientemente, buscava palavras que não chegavam.

O José Miguel estava como *enimemado*; não dava por nada.

A Francisca notou de relance a attitude do ferrador.

Estava fazendo ali o que pensára fazer na taberna. A garrafa de Collares ia em menos de meia

Economicamente indignada, fez signaes cabalisticos ao marido. Mas elle indubitavelmente estava em casa do Inglez.

Subito, espargindo pelo rosto um tom enievado: "Sempre hoje me explicaram um quadro! Que maravilha, mulher! Chamam-lhe *As Meninas*. Aquillo que elles lá tem é copia. O verdadeiro está em Hespanha... em Madrid, que é lá p'ra elles como Lisboa aqui assim p'ra a gente. Quem o pintou foi um tal Velasquez já ha um rór de annos. Ahi por 1656 ou 1657. P'ros modos aquillo tinha umas mãos!... Ali está tudo vivo. O que m'a mim dá mais que entender é como o gajo se retratou a si mesmo. Pois lá o tens, que só lhe falta falar. Elle figura que está a pintar o retrato do rei — *nan m'alembra* que rei é — e mais da rainha. A gente sabe isto porque os vê representados ambos e dois n'um espelho que está defronte. A' frente sae uma petiza de uns cinco ou seis annos, vestida de branco, com um grande balão, como era a moda n'aquelle tempo... Coisa mais linda! Chamava-se a princeza Margarida. E logo ali á roda duas mocinhas, tambem de balão, assim a modo de companheiras ou aias. Mas o melhor de tudo inda é o cão... Um pedaço de cão!... Um canzanas ali repimpado que parece que todo o mundo é seu! Com uma grande papada, posto para ali quasi a dormir. Bem se lhe dá que o Anão lhe ponha o pé em cima. *Nan* lhe falta mais qu'è falar... digo, *nan* parece senão que está vivo... Sempre te digo, mulher, que o tal Velasquez tinha dedo!"

A Francisca olhava como magnetizada. No fim, rematado um bocejo que lhe veio espontaneamente: "E, afinal... aquillo para o que é que serve?"

O José Miguel, olhos revirados ao tecto, não é certo que a ouvisse. De mais, rompeu logo com enthusiasmo: "Queres tu vêr? — E metta a mão ao bolso interno do casaco — E' um bilhete postal... Pois por aqui já se faz uma idéa do quadro das *Meninas*. — Era o papel subtrahido escrupulosamente á aridez damninha da sua prole — isto dão elles lá a gente. Olha-me aqui a petiza... Olha me aqui d'este lado o canzanas... Este bilhete vou lhe fazer um caixilho e pranto o ali na parede."

A Francisca esfregava os olhos com a pretensão evidente de desentupir o cerebro.

— "Estas *crianças* parecem abortos, — notou por fim attrahida pela fealdade do episodio.

— "*Nan* são *crianças*. São mas é anões. Era lá um gesto dos reis d'aquelle tempo... Tinham n'os em casa para se divertirem..."

— "Agora me rio eu... Pois p'ra divertirmento! Maiores estafermos!..."

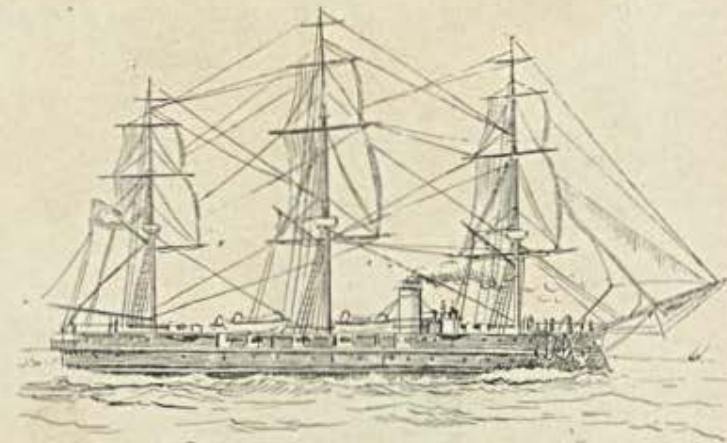
— "Antão mulher!... Quem *nan* tem que fazer faz colhéres; nunca *óvates*?... *Nan* no amarrotos que o quero prantar na parede, — e o José Miguel poz-se a mirar circumspectamente as paredes nuas da sua casa. Emfim, apontando com determinação para um lado, o do seu banco de carpinteiro: "Vae p'rali... Mas *hades-me* tirar d'essa escapula esse sacco."

— "Oh! homem; é o pão... Que mal faz ahi o pão?"

— "Pois anda com elle d'ahi para fóra."

— "Adonde queres que o *prante?* na minha cabeça?"

E elle, de bom humor: "Em ultimo caso vae-se a buscar ao padeiro quando for preciso... Para alguma coisa ha de servir estar a gente na rua das Padarias... Aqui, vae a colleccção de bil-



O cruzador Brasileiro - Benjamim Constant.

hetes postaes que elles agora nos vão dar. Tudo quadros dos melhores que ha por esses paizes fóra... Verás que lindeza!"

E a Francisca, entre apprehensiva e prazenteira: "*Nan* querem vocês ver? Dão-me c'o homem em maluco."

A pequenada entrou de roldão.

Côro
 *O' pae... diga... escute lá,
 *O' pae, o Laureano é um maland'o,
 *O' pae, o Amílcar disse que me havia de dar uma cacholeta,
 *O' pae, eu é que sou a mais *piquena*; na *é* *vé* *dade?*

— "Sa! Que ingresia!... Que diabo querem vocês? Fale cada um por sua vez, senão vae aqui tudo raso."

O Laureano tornado interprete: "O' pae... Sobejaram estas tres pevides. - A quem se dão?"

— "A mim, que sou mais *piquena*," — sustentou a Artemisa, sempre confiante na força do seu argumento.

Voz do Guadalberto: "Eu é que tive o bocado mais *piqueno* do bolo."

Solução do Amilcar: "Se a tia Maria desse mais uma pevide, já estava tudo arranjado."

O Laureano, tocado de generosidade filial: "Se o pae quer, aqui estão... são p'r'ó pae... Agora p'ra esses, ch'ó r'óia!"

— "Sim senhor. Pois muito obrigado," — e o José Miguel, apropriando-se das tres pevides, distribuiu uma a cada um dos mais pequenos. — "E lá você, como mais velho, tenha cabeça e seja ordeiro. Vá, *nan* faça caras. - E rodar d'aqui p'ra fóra, se *nan* quer levar algum estalo p'las ventas."

Laureano, de viseira cahida, foi-se encostar á hobreira da porta a coçar uma orelha.

Os dois do meio saíram disparados para a rua. Amilcar passou pelo inimigo fazendo surriada á socapa.

— "Deixa estar!," — grunhiu o Laureano, movendo ameaçadoramente a mão espalmada.

Entretanto, o José Miguel sentara a Artemisa nos joelhos. O cabelito d'ella, avellado e louro, estava arrochado n'uma trancinha muito expremida. Elle, com as pontas dos dedos, desfaz aquillo com geito. Soltando lhe os caracões em torno do rostinho, tão mimoso como o da infanta Margarida, disse regosijado: "Agora, sim!," — "Nan parece senão um cão d'agua," — apreciou, despeitada,

a Francisca, que levava tempo architectando aquelle penteado domínical.

— "Se tu *nan* me queres crer!... O bonito é a natureza, mulher... Qual vale mais: os lagos da Pena, ou o mar ali a bater na Praia da Adraga?"

— "O bonito vae ser amanhã desembaraçar-lhe a grenha..."

— "Isso já é outra questão"

Souo um ronco expesso e profundo. A Artemisa estremeceu.

Era o Joaquim Ferrador. Tinha adormecido na beatitude alcoolica.

O José Miguel levou a filha em braços até á porta. Com dois açoites *fingidos*, expediu-a em busca dos irmãos.

Depois, voltando, poz-se a olhar com investigação para o visinho. Passado um momento, fechou a mão direita formando oculo. Applicou o instrumento ao olho correspondente e ferrou-o no Joaquim.

— "Sempre te digo, mulher, que o tal Velasquez era um gajo!... Tem um quadro chamado *Os borrachos*. Pois o figurão mais p'r'a esquerda é essa besta por uma penna. - Elle, a dizermos a verdade, *nan* ha coisa mais satada nem mais feia que é a borrachice!"

E ella, mais sensivel á economia que á esthetica: "É que a virou toda!," e agitava no ar, com protesto, a garrafa vazia. "Deixa que pagar a gente quatro vintens para ter esse estupôr ahí a roncar!," — e fez um gesto de asco profundo limpando a boca ao avental.

Madrid, 25 janeiro, 1904.

CAIKI.



A FEIRA DA LADRA

(Aspectos)



Moveis — Um frequentador



Roupas usadas



Cassarolas e objectos usados



A concorrência

A "Lisboa Antiga,"

do sr. Visconde de Castilho

A 2.^a edição da *Lisboa Antiga* do sr. visconde de Castilho occupa um lugar primacial entre as obras, que, nos últimos annos, teem sahido dos prelos nacionaes. Esta reedição limita-se a tratar do Bairro-Alto, ao qual se consagrou apenas um volume na 1.^a edição, mas que, na actual, deverá encher nada menos de cinco volumes. Dissemos que se limita ao Bairro-Alto, mas não é bem assim, porque o escripturoso historiador, nas suas digressões, afasta-se por



Visconde de Castilho (Julio)

vezes d'aquelle ponto da carta topographica lisboeta para nos descrever primorosamente outros locais e edificios da capital, que, por qualquer motivo, se relacionam com pessoas ou coisas d'esse bairro caduco.

Nas litteraturas forasteiras, abundam as obras d'este genero. Em Paris, já em 1692 havia a *Histoire de Paris* de Dulaure, onde pela primeira vez figura o conhecido dictado: "Paris é o paraizo das mulheres, o purgatorio dos homens e o inferno dos cavallos." Em 1698 apparecem os *Annales de la Cour et de la Ville de Paris*, em 1725 a *Histoire de la ville de Paris* de Félibien, em 1771 a de Poncet de la Grave, em 1785 o *Tableau de Paris* de Mercier, em 1820 as *Beautés de l'Histoire de Paris* por Nangaret, em 1846 a *Nouvelle Histoire de Paris* por Gaulle, em 1852 a *Histoire de Paris* por Lavalée, em 1900 o *Paris Pittoresque* de Barron, etc. Madrid tambem possuia os seus historiadores, como eram Mesonero Romanos que publicou *El Antigo Madrid* em 1861, Amador de los Rios a *Historia de la villa y corte de Madrid* no mesmo anno, Montpalau o *Las calles de Madrid*, Fernandez de los Rios o *El Futuro Madrid*, Ricardo Sepulveda o *Madrid Viejo*, etc. Londres contava egualmente historiadores da metropole ingleza, os quaes, desde Maitland com a sua *History of London* até Walford com a sua *Greater London*, formam uma bella fileira de conscienciosos chronistas da vida e das antiguidades londrinas.

Lisboa, porém, é que não tinha uma historia digna de nome, porque não topara ainda o historiador ideal, um historiador que fôsse, ao mesmo tempo, um solerte pesquisador das epochas archaicas, um microscopista da vida antiga, um decifrador dos enigmas perificados e um litterato de espirito sumptuosamente mobilado. O sr. visconde de Castilho metteu hombros á empresa e sahio se d'ella admiravelmente, porque congloba todos os requisitos constitutivos do historiador ideal. A sua linguagem vernacula, sem enxertia de má casta, tem a plasticidade da cera e o brilho do diamante. O seu estylo ovocador reflecte todas as impressões com a vivacidade de um espelho e a justeza photographica de um vidro albuminado. Ora é grave e regular como as regras de Aristoteles, ora rebrilha com a graça imponderavel dos dialogos de Platão, ora desliza com as suavidades mellicas da ode de Horacio a Lycoris, ora crepita com a indignação de Juvenal contra Crispinus. Como o insigne poeta e sublime prosador que foi seu pae, tambem elle sabe que as palavras teem um poder natural, uma sonoridade imitativa, e por isso as combina, harmoniosamente, á maneira de tons sobre uma tela ou de notas n'uma partitura. As suas descrições suggestivas produzem-nos a sensação que nos produziria uma estrophe de Pindaro recitada por um atheniense moderno, isto é, a lingua morta tornada viva e perdendo o seu aspecto escolastico

e frio. Os seus retratos, gravados a agua forte, scintillam com o vigoroso relevo numismatico das medalhas syracusanas.

O sr. visconde de Castilho indaga os assumptos até ás ultimas minudencias. Se se torna necessario, aproxima-os com o telescopio de Herschell ou a luneta astronomica, amplifica-os com o microscopio ou a lupa convergente. O eminente historiador professa a mesma paixão do detalhe, que foi preconizada por Sainte-Beuve e por Taine na litteratura. Para a sua perquisitiva curiosidade não ha papel inutil, indicação graphica ou notula de memoriographo que se ceva desprezar. Tambem Taine, que procurava a obra no homem e a epoca no auctor, ensinava aos criticos que não se devia perder nenhum traço biographico, nenhum facto passado pelo laminador dos inqueritos, nenhuma nota elucidativa do character, nenhuma singularidade do temperamento, nenhuma tara moral ou animal. Tambem os Goncourts accentuavam, antes de Zola, a importancia dos *documentos humanos*, dizendo que, no romance, "devia entrar um pouco d'essa historia individual, que, na Historia, não tem historiador." E o marechal Canrobert tinha a vaga intuição d'este principio de alta historia, e de alta litteratura, quando dizia á pintora Jacquemart no momento em que ella lhe pintava o retrato: — "Preste muita attenção ao meu cabello. Elle pertence á historia."

Alóra os predicamentos de ordem litteraria que citámos, o sr. visconde de Castilho é dotado de um character de impermeavel pureza, é um delicado e um sensitivo. Correcto como um *gentleman*, amavel como um *talos r uge* da Regencia, elle possui a sciencia diplomatica de ficar cordial sem se familiarisar. Tem uma hombridade a toda a prova, tem uma seriedade de processos e uma luzura de escripta pouco vulgares na nossa epoca de parasitismo litterario, e pouco comprehensíveis ao espirito esguedelhado d'aquelles a quem principia agora a nascer o buço da litteratice. A sua nobre isenção de escriptor leva-o a citar sempre as fontes a que recorreu e até os simples informadores verbaes. E se não logra documentar os seus assertos, confessa abertamente que não passam do dominio conjectural.

Os tres volumes já publicados da *Lisboa Antiga* (2.^a edição) traçam a historia do Bairro-Alto desde o seu inicio, isto é, desde o tempo em que era terreno suburbano, pertencente aos Andrades, os quaes foram dando de aforamento as diversas glebas, até se constituir um bairro á beira de Lisboa, que primeiro se chamou Villa Nova, depois Villa Nova de Andrade, e ainda depois — já integrado na cidade — Bairro Alto. Quatro capitulos do I volume servem de encaixe á parte anecdotica e á onomastica das ruas bairristas, que os municipios modernos teem cambiado com frouxotino, transformando assim a mais alegre de todas as geographias. A reconstituição de um serão setecentista, as peraltarias assucaradas e as damarias empantufadas, são assumptos que occupam algumas paginas deliciosas, nas quaes tambem se não olvida a gaba da cortezania lisboeta, que merecia registo particular em certa comedia de Antonio Prestes:

*E de Lisboa se sóa
Que todos lá são honraes
Que de pessoa a pessoa
Se falam desbarretados.*

O largo de S. Roque, o palacio dos Nizas, as vicissitudes por que passou a casa de S. Roque, o solar dos Andrades, os diferentes palacios do bairro, o convento da Trindade, tudo é tratado com mão de mestre pelo eruditissimo auctor, que entresacha de aneddotas a sua narrativa pittoresca.

O II volume abre com uma descripção do sitio onde estavam as Portas de Santa Catharina, á qual se segue um descriptivo do largo



O Loreto e o Chiado em 1845

das Duas Igrejas, que lembra um panno de fundo theatral illuminado pela luz do magnésio. Conversa a respeito do Loreto, faz menção da nariguda estanqueira, que foi seringada pela musa epileptica de Bocage, discreta acerca da igreja da Encarnação, traceja a historia succinta dos casebres do Loreto, e commenta a insensatez dos edis alfacinhas, para quem as questões de arte são questões de lana-caprina. Seguindo pela rua do Alecrim abaixo, não se esquece de esmiudar a chronica da familia do Quintella — um nome de oiro massivo cravejado de brilhantes prismáticos. Examina rapidamente as cercanias d'aquella vivenda principesca, e depois, por uma habil transição, pinta-nos os que davam o almirante a peraltice em epocas abolidas, e descreve-nos as decrepitas janotarias do tempo em que Gavarni fazia desopilar o baço dos parisienses na *Mode* de Girardin, até que nos guia ao polyorama do Chiado, á porta Capena d'esta Roma em miniatura, ao mundo facticio da moda, que sobe e desce com o seu vae-vem de pendulo. O exame da igreja das Chagas faz vir á collação o velho adagio: — Em mulher de Alfama, homem do mar e relógio das Chagas, não ha que fiar. O monte de Santa Catharina, o Calhariz e ruas circumjacentes dão margem a largas referencias, afestoadas de observações, matizadas de aneddotas, depois do que o auctor pespega uma cacholêta na cabeça sandia da Camara Municipal.

O III volume começa por se occupar do palacio Sobral, do Ca-



O 1.º Barão de Quintella

hariz, destriça a genealogia dos Cruzes, seus proprietarios, e fala detidamente de Anselmo da Cruz Sobral, o mesmo a quem veiu recommendado o astutissimo Cagliostro na sua visita a Lisboa e que o apresentou nos circulos aristocraticos. E, aproveitando o ensejo, o auctor frisa a estulticia papúa dos governantes portuguezes, que consentiram a vergonhosa reconstrução do palacio Sobral, quando o adaptaram para serviço do Estado. Depois, vae exhumando alguns mortos illustres e enxadrezando varios factos no mosaico da sua prosa colorida. Continuando no exame dermographico de Lisboa, conduz-nos ao passeio de S. Pedro de Alcantara, onde nos faz quedar boquiabertos perante um grandioso painel de 1845, emoldurado no lapislazuli do céu extremenho — a espessura verde-negra da quinta do Castello-Melhor, o arvoredado do Passeio Publico verdejando com cambiantes de uma tonalidade rissonha, as fachadas do Rocio branquejando nas suas camisas de cal, os quarteiros da Baixa alinhados pela esquadria pombalina, a casaria da Costa do Castello apinhada em amphitheatro, as torres parrudas da Sé, o campanario cenobitico do Carmo, e, ao longe, a fita prateada do rio e as montanhas da Outra-Banda esfumando se n'um vapor azulado...

Em nosso conceito, a *Lisboa Antiga* é o *exegi monumentum* do seu auctor, e os tres novos volumes d'esta magnifica obra — agora editada esmeradamente pela livreria Bertrand — são fiadores da excellencia dos dois volumes complementares, cujo apparecimento aguardamos com a viva curiosidade historica de um inflexivel admirador da *acropole do Tejo*.

PINTO DE CARVALHO (*Tinop*).

Uma creança é um grande politico que se domina como os grandes politicos... pelas suas paixões.

H. DE BALZAC.

Institutos de Caridade

(Real Collegio dos Meninos Orphãos de Nossa Senhora da Graça, no Porto)

Fundado em 1651 pelo padre Balthazar Guedes em umas casas que havia junto da capella da Senhora da Graça, onde este ecclesiastico era capellão, foi este instituto muito favorecido por varias doações da camara do Porto e por alguns privilegios que lhe con-



Padre Patricio

cedeu D. João IV, além da approvação dos estatutos e d'uma tença dos cofres publicos.

Reunindo esmolas, o benemerito fundador dispoz-se a construir novo edificio e ampliar a capella, e para isso teve a auxillio o seu irmão Pantaleão da Cruz, que, embora fosse surdo-mudo, partiu para o Brasil e andou por lá alguns annos mendigando recursos com a mais extraordinaria dedicacão e arduos sacrificios.

A' maneira como as esmolas augmentavam e o numero dos rapazes recolhidos subia, tambem a construcção do novo edificio seguia



Pantaleão da Cruz

com um certo desenvolvimento. A cruzada a que se votára o Padre Balthazar Guedes ia sendo coroada dos mais felizes resultados. Os orphãos recebiam alimento, agasalho e instrucção, e iam seguindo, uns para os conventos a professarem, outros para a industria e para o commercio, outros para o Brasil e alguns ainda para os cursos scientificos. Cheio de enthusiasmo pela sua obra e com a consciencia inundada pela satisfacção do alto serviço humanitario

que estava realisando, o fundador do Collegio dos Orphãos jorna-deou pelo paiz a pedir recursos e veio por varias vezes á côrte, onde era muito estimado, e tão considerado até, que foi convidado para a Inglaterra como capellão da infanta que tinha de casar com o monarcha britannico, convite honrosissimo que elle, por amor á sua obra, nobremente declinou.

Quando falleceu, em 6 de outubro de 1693, já tinha contemplado os resultados seguintes: mais de duzentos orphãos haviam profes-



Padre Balthazar Guedes

sados como religiosos de varias ordens, muitos haviam sido ordenados presbyteros, outros já eram doutorados, outros haviam ascendido ao professorado superior, outros haviam seguido para a industria e para o commercio, para o serviço das armas e para a navegação, e um já estava sagrado bispo.

Para que o seu Collegio continuasse para o futuro com uma administração regular, nomeou em seu testamento a camara municipal do Porto como administradora e deixou n'esse testamento irrecusaveis testemunhos do que era o seu caracter nobilissimo.

Durante quarenta e dois annos viveu no Collegio, onde foi o primeiro reitor; trabalhou em varias industrias, escreveu alguns livros de piedade e traduziu outros, revertendo o producto de tudo isto, bem como os seus bens proprios, para a sustentação dos orphãos.

A camara municipal do Porto continuou administrando o Collegio e recolhendo as esmolas com que elle é favorecido pela caridade publica, tanto em legados como em outros donativos; designa um vereador para superintender na administração, e que é actualmente o bemquisto negociante Antonio de Araujo Serpa Pinto, muito dedicado amigo d'esta instituição e que tem trabalhado muito pelo seu desenvolvimento.

Os orphãos, que são actualmente setenta, assistem, com os seus habitos brancos decorados com a cruz de Christo, nos enterros e festas religiosas, recebendo por isso uma determinada remuneração; vinte frequentam o lyceu, um é alumno do 5.º anno juridico na Universidade, outro frequenta o Instituto Industrial, outro o Seminario Diocesano e os restantes estão matriculados nas aulas internas de instrucção primaria, portuguez, francez, desenho, commercio e musica; os alumnos da escola de musica formam uma orchestra para as solemnidades do Collegio.

E' actualmente reitor d'esta casa o illustre orador sagrado rev. F. J. Patricio, que é o 25.º reitor que tem tido a instituição.

Em 1804 determinou o governo crear a Academia de Commercio e Marinha no Porto (a actual Academia Polytechnica) e aproveitou o terreno em que estava o Collegio. Começaram as obras e foram tomando tal desenvolvimento que foi preciso remover o mesmo Collegio para um local apropriado. Depois de muitas hesitações e luctas, em que a camara municipal pugnava pelo interesse da caritativa instituição, foi ultimamente resolvido que o

Estado indemnissasse o Collegio e com esse dinheiro foi construido o actual edificio, onde se acham actualmente.

O novo edificio, apesar da opposição que tão desrazoavelmente lhe levantaram, ficou nas melhores condições. Foi apropriado o velho e abandonado seminario, que ficára em ruina desde o tempo do cerco do Porto, e ali se contempla agora essa amplissima reconstrução sobranceira ao rio Douro, no monte do Prado, d'onde se descortina uma das mais formosas paisagens. Tem capella propria, salões para estudo, habitações para o reitor e empregados, camaratas amplissimas para os collegiaes, aulas, officinas, espaçosos corredores na extensão de 132 metros, um grande salão para ses-



Tres estudantes

sões solemnnes, onde se vêem os retratos do fundador e de todos os beneficeiros, bem como tres retratos de orphãos que chegaram até ao episcopado, pois o Collegio já deu oito bispos, além de artístas de nome, professores, medicos, advogados, etc. E' uma instituição que honra a cidade da Porto.

Em todos os prefacios, como em todos os artigos, como em todas as coisas, só ha de verdadeiramente interessante o que não pode ser dito.

JULES CLARETIE



Real Collegio dos Meninos Orphãos de N.ª S. da Graça, no Porto

O Brasil-Portugal

CINCO ANOS DE EXISTENCIA

Entra hoje no sexto anno da sua publicação o *Brasil-Portugal*.

Em cinco annos de trabalho consecutivo nem uma só parte do programma, com que a Revista encetou a sua existencia, deixou de ser cumprida: antes procurámos sempre exceder o que d'uma publicação d'este genero podem exigir os que se interessam pela arte e pelas letras.

Em tantas centenas de paginas que constituem os cinco annos decorridos pode dizer-se que desfilou toda a vida portugueza e toda a vida brasileira.

Os nossos photographos, os nossos artistas, os nossos escriptores, deixaram aqui, através da objectiva, da penna e do lapis, a impressão de todos os conhecimentos n'este longo prazo decorrido.

Entramos no sexto anno, e o entusiasmo com que começámos, está vivo, não arrefeceu em nós, antes se completa com o proposito feito de aperfeiçoarmos, de desenvolvermos, de melhorarmos. Ha progressos a fazer, ha innovações a introduzir. Deante de nenhum obstaculo recuamos para podermos corresponder ao favor publico, ás sympathias com que desde o primeiro numero o *Brasil-Portugal* foi acolhido pelo publico dos dois paizes que falam a mesma lingua.

De ambos elles solicitamos apenas que continuem, com o mesmo sincero fervor, a receber e a honrar o *Brasil-Portugal* agora que elle vae começar o sexto anno da sua publicação.

QUADRO

Na alcôva trêda e sombria
Embala a mãe o desejo
De poder salvar n'um beijo
A creança que dormia.

Baixinho, ella balbucia
Uma oração, um harpejo...
E a serenata de um beijo
Canta na alcôva sombria...

À voz da mãe, o innocente
Desperta, sorri Gemia
O vento continuamente...

E a creancita, que esfria,
De novo cae, sorridente,
Na alcôva trêda e sombria!

Fayal-Horta.

MANUEL GREAVES.

THEATROS

D. Maria, *Casamento de conveniencia*. — *Principe Real*, *O coro do Bairro Alto*. — *D. Amelia*, a festa de Schwalbach.

Na peça do sr. Coelho de Carvalho, agora em scena no theatro de *D. Maria*, confirma-se o escriptor em toda a posse do seu talento, na plena integridade do seu valor litterario. Não succede o mesmo com o dramaturgo, o que cada vez prova com exuberancia que o mais inacessivel de todos os campos da litteratura é o theatro.

No *Casamento de conveniencia* ha observações exactas da vida real, ha idéas originaes arrojadamente expostas, ha paradoxos sustentados com brinho, ha a completa resolução de um espirito culto e agudo, manifestações de pensamento que nada tem de leve, nem de superficial.

Tomem todas essas idéas, todas essas theorias, todos esses golpes de observação, fundam o auctor de toda essa bella litteratura com um escriptor drama-

tico, e digam-nos se não sahirá d'ahi uma obra theatral, de alto relevo e de profundissimo valor.

A obra, porém, do sr. Coelho de Carvalho falta e que ao theatro é indispensavel. A estrutura de uma peça, a *charpente* de uma obra de theatro é um elemento de exito sem o qual pode falhar toda a concepção, por elevada e genial que seja. Depois, o escriptor de theatro deve circumscrever toda a acção, até nos seus pormenores minimos, ao objectivo que tem em vista, ao assumpto capital da sua obra. Nem uma idéa, nem uma phrase, nem uma intenção, que não visem o pensamento, o fim, e, permittam o verbo, que se não erosque na acção, que a não acompanhe em todos os seus lineamentos como a hera ao tronco da arvore.

Ora o defeito da peça do sr. Coelho de Carvalho está n'isto, só n'isto. A acção é descoisa, e ha dezenas de phrases, de theorias, de opiniões, que nada tem com ella. Antes nos faz o effeito de ser um mero pretexto escolhido pelo auctor para expôr em publico theorias novas e originaes.

Como observação, o acto melhor da peça é o terceiro, aquelle em que uma mulher gentil confessa ao conego os impetus da sua carne e o alvoroço do seu sangue como attenuante e desculpa do seu elegante peccado, como explicação de ter preferido, para os transportes do amor, ao marido velho, um homem forte e moço. As subtilizas do conego que a ouve de confissão, n sua forma seraphica, a sua melliflua unção de Tartufo, os conselhos que lhe dá, a ultima conciliação que fez entre os rigores do Céu e as necessidades terrestres, todo esse acto, enfim, é uma pagina de litteratura, é um trabalho superior de observação. Está, porém, quasi desligado do assumpto, e elle que devia ser o *clou* da peça, é um trecho isolado, absolutamente dispensavel, e, portanto, inutil.

O padre tece toda a meada, prepara toda a trama, enreda toda aquella sociedade de beatos, de fidalgos arruinados como D. Fernando, de bisbilhoteiros curiosos como o Bonifacio, de titulares sem escrupulo, e de fresca data, como o visconde, é elle mesmo o prototypo do padre interesseiro e mau, do intrigante emerito, que se serve do caminho do céu para alcançar todos os gozos da terra e para ponte de todas as falcaturas ao divino, o padre, esperto, como é, devia, para ser completo e não alterar a sua linha, ter impedido que apparecesse no quarto acto aquella figura desmancha-prazeres, aquella mãe infeliz, que Angela Pinto admiravelmente interpreta e cujo desaparecimento ao padre seria facil. Mas, se assim fosse, o *truc* dos documentos salvadores não viria á scena, e o drama não teria aquelle final.

Este reparo fazemol-o, porque a nosso ver a sinceridade, a consciencia litteraria, ressaltam do trabalho do sr. Coelho de Carvalho, e esta honestidade nas letras de tal forma está sendo fructo prohibido na época que atravessamos, que é como um senão que apontamos este traço na obra do escriptor. Sabemos que ella soffreu cortes que lhe foram impostos e d'ahi o resaltar, n'um ou n'outro ponto, menos nitida a idéa inicial. Comtudo, ouve-se com muito agrado, do principio ao fim, o *Casamento de conveniencia*, que tem sobre muitas peças o valor de ser cada acto superior ao antecedente, o que dá ao espirito uma disposição magnifica para escutar a peça com agrado, reconhecendo-se que dentro d'ella ha talento de sobra, e a consagração que lhe deviam teve-a o sr. Coelho de Carvalho, vendo-se sinceramente applaudido por aquelles que põem acima de quaesquer defeitos de estrutura theatral o valor da intelligencia e a consciencia litteraria.

Ha quatro papeis notavelmente desempenhados: o do padre, que Ferreira da Silva não esqueceu em nenhum dos seus detalhes, e de que fez uma das melhores creações da sua galeria, o de D. Fernando, a que Mello deu um alto e artistico relevo de fidalgo arruinado, o de Fernando Maia, sempre muito correcto e nobre na figura, do conde d'Ega, o de Angela Pinto, a pobre mulher, do povo, a infeliz mãe explorada por uma sociedade devassa. Tambem Augusta Cordeiro, especialmente na bella scena da confissão, confirmou meritos que temos applaudido. Costa foi o mais comico, o mais cheio de curiosidade, de todos os Bonifacios, do seu papel de beata ridicula tirou todos os effeitos. Carolina Falco, e nos outros papeis deram os restantes artistas harmonia ao *ensemble*.

Temos no *Principe Real* uma peça popular com todos os mutadores, com todos os meritos d'essa especialidade litteraria. E' o *Coro do Bairro Alto*, do sr. Eduardo Coelho, que fez um nome e creou uma reputação n'essa litteratura theatral baseada na observação dos costumes populares.

O *Coro do Bairro Alto* é uma peça que profundamente interessa os frequentadores habituaes do *Principe Real*. Tem enredo, como elles querem, scenas vivas e sentidas entre operarios de fabricas, violentos conflictos em tabernas conhecidas, fabricas em movimento, interrogatorios cheios de interesse no juizo de instrução criminal, crimes, suicidios em scena, a Providencia a castigar o criminoso, amores, casamentos, e por fim de tudo, impolluta, quasi asagrada, a figura popular do Coro, o accusado, que é para todo o publico a mais sympathica da peça.

Estas luctas, estes sentimentos, estes conflictos, teve um valor especial para os desenheadar em scena o auctor do *Coro do Bairro Alto*, e tanto que o publico do *Principe Real* o tem ovacionado com o mesmo entusiasmo com que o publico do *Gymnasio* acolheu o seu *Ministro d'agua furtada*.

E' claro que, para o exito agora obtido, em grande escala contribuiu o actor Roque, que, ao papel de Coro, apesar de alguns exaggeros inuteis, deu o re'evo que mais agrada aos espectadores d'aquella theatro. Ha um papel de rellão, excellentemente feito por um actor modesto, Pinto Costa, e no chefe de policia,



Eduardo Schwalbach

Auctor da «Cruz da Esmola», representada no theatro D. Amelia

Luciano mostrou taes qualidades, que o sr. juiz Veiga já o propos para a vaga do habil chefe Ferreira... quando ella se dêr.

Estão muito bem pintadas as scenas da taberna e da officina, e tudo isso é bastante para justificar o exito do *Cozo do Bairro Alto*.

Festa rija, festa de auctor, com flores, com bravos, com abraços de metter os tampos dentro, foi a de Schwalbach na 15.ª da *Cruz da Esmola*.

A mais elegante sociedade de Lisboa, tendo á frente as duas rainhas e o irmão d'El-Rei consagraram com a sua presença e com os seus applausos o escriptor, e mais do que a sua ultima obra, que tão gloriosa carreira tem feito no **D. Amelia**, o seu trabalho incessante, toda a sua já extensa galeria theatral, e melhor do que tudo isso, as excellencias do seu caracter.

Jayne Victor



Scena do ultimo acto da peça Casamento de Conveniencia, de Coelho de Carvalho, representada no theatro de D. Maria